

## RECENSÃO CRÍTICA



CRUZ, Hugo (coord.) (2015). *Arte e comunidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

ANA MARIA PESSOA

ana.pessoa@ese.ips.pt

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Um livro tem de percorrer um longo caminho antes de chegar a quem gosta de o ver, folhear, ler e guardar. Muitas vezes fica esquecido e a ninguém toca com o seu discurso. Outras, o conteúdo é incómodo e não mais se esquece. Neste último caso e, por duas razões distintas, inclui-se *Arte e Comunidade*.

Começando pelo objeto em si, este livro de mais de 550 páginas é um excelente exemplo de como neste projeto tudo foi pensado com imenso cuidado, respeito, gosto e saber. O resultado é uma obra que, quer do ponto de vista da forma quer do conteúdo, tem de ser vista como uma referência.

Vários são os elementos que fazem deste livro uma obra digna de tal designação: veja-se a lombada cosida do livro como que lembrando que os projetos nele descritos poderiam ser estes e muitos outros ainda em execução; as cores de contrastes entre preto/branco e cinza que, nas letras da capa e primeiras páginas, remetem para a pintura das letras de João Vieira; a qualidade do projeto gráfico que, tal como o conteúdo, é o resultado do trabalho de um coletivo, responsável, de um ateliê coordenado por Eduardo Aires que convidou um conjunto de 9 *designers* propondo-lhes o desafio de criar diversos cenários tipográficos; o cuidado na identificação dos créditos foto-

gráficos; a qualidade do papel e a gramagem e finalmente a inclusão de uma pequena biografia de cada autor(a) dos textos o que, em obras deste tipo, é frequentemente considerado supérfluo.

Também do ponto de vista do conteúdo este livro é, por diversas razões seguidamente enumeradas, uma obra de referência.

Fazer cultura em qualquer país é, com frequência, um ato de coragem, resistência e subversão. Numa época de globalização económica e de incertezas políticas diversas, em que se acotovelam discursos e práticas que discutem o valor de todas as expressões artísticas, em que se sabe como os seres humanos se tornam desiguais através da força, do poder, do dinheiro e da cultura (Plantel, 2016), é deveras interessante encontrar um livro que reúne contributos de mais de vinte autores/as – 15 mulheres e 9 homens - com profissões diversas como professores, investigadores, técnicos sociais, atores, geógrafos, arquiteto...

Os temas abordados nos diversos textos vão de uma panorâmica das artes comunitárias no mundo ao teatro comunitário na Argentina, Brasil e Portugal à reflexão teórica sobre o teatro comunitário nas favelas do Brasil ou como resistência cultural na Palestina, à música e à dança em comunidade, à música como forma de inclusão social e

ao teatro com surdos como forma de expressão corporal, ao teatro como forma de empoderamento de mulheres em Portugal e como forma de desenvolvimento da autoestima com presos.

Cada capítulo deste livro mereceria, de per si, uma menção aprofundada. Na impossibilidade de o fazer e com a certeza de que se comete uma profunda injustiça, fica uma chamada de atenção muito particular para os textos de Maria João Mota (p.403-419) sobre as experiências de teatro com as mulheres no Bairro do Lagarteiro, no Porto; o texto de João Reis (et. al) (p. 289-325) sobre a Orquestra Geração e o papel que tem tido na inclusão social de jovens ditos “em risco”; o texto de João Correia (p. 457-482) no qual descreve a experiência de teatro com surdos e o texto de Micaela Miranda (p. 183-210) sobre o teatro nos territórios ocupados da Palestina.

Imprescindíveis são ainda três outros contributos: os de Hugo Cruz, sobretudo o excelente texto final *Possíveis leituras-síntese e projeções futuras em arte e comunidade* (p. 535-546); o texto inicial de prefácio de António Pinto Ribeiro sobre *Práticas artísticas e comunidades heterogêneas* (p. 5) e, outro prefácio de João Brites intitulado *Viajemos em conjunto confundidos nestas dilatadas margens* (p. 8-10)

Qualquer um dos textos, cada um com um olhar específico sobre um tema singular, fazem deste livro uma obra incontornável, uma espécie de *catalogue raisonné* em construção (se tal designação não for aplicada como se de algo definitivo se tratasse) para quem queira conhecer o que se tem feito na área das artes comunitárias, para quem se interroga sobre o que existe de comum entre artes e política, para quem se interroga sobre formas de ultrapassar desigualdades sociais, para quem defende que o acesso das camadas sociais menos favorecidas a bens culturais é uma prioridade, para quem a consciencialização e a reflexão políticas e a transformação da realidade assim como o questionamento do mundo em que se vive são tão importantes como o ar que se respira.

É este o desafio lançado e ganho no livro *Arte e Comunidade*.